

## O CANTO DO UIRAPURU: A FLORESTA POÉTICA DE THIAGO DE MELLO<sup>1</sup>

Jaidesson Oliveira Peres<sup>2</sup>

Maria Rosana Lopes do Nascimento<sup>3</sup>

### RESUMO

Crítico da modernidade racionalista e expansionista que trouxe consigo uma cosmovisão que apartou homem e natureza, o poeta amazonense Thiago de Mello, em *Amazonas—Pátria da Água*, traceja uma *poiesis* assinalada pelo grito contra a destruição da floresta amazônica, entremeado por ricas memórias e contrastantes paisagens. O presente trabalho tem como objetivo construir uma abordagem embasada em fontes diversas analisando os aspectos estético-filosóficos da referida obra de Mello, no sentido de vislumbrar o universo amazônico, suas culturas e problemáticas sociais. Para isso, dialoga com autores como Gaston Bachelard, Theodor W. Adorno, Ana Pizarro e João de Jesus Paes Loureiro. Assim, foram desenvolvidas reflexões sobre a poesia que se ancora em uma paisagem que espelha a maior vegetação e o maior rio do mundo— a Amazônia e o Amazonas, respectivamente— ameaçados, deveras, pelas incursões capitalistas. Este trabalho, portanto, constitui uma singela contribuição nas discussões acerca de culturas que ainda experimentam intensa relação com a natureza e uma literatura que teima em expressar as vivências das populações que foram tecendo o vasto universo amazônico de um modo próprio.

Palavras-chave: Rio Amazonas; Thiago de Mello; Poética amazônica.

### ABSTRACT

Critic of rationalist and expansionist modernity that brought with it a worldview that separated man and nature, the Amazonian poet Thiago de Mello, in *Amazonas—Pátria da Água*, writes a *poiesis* marked by the cry against the destruction of the Amazon forest, interspersed with rich memories and contrasting landscapes. The present work intends to build an approach based on diverse sources analyzing the aesthetic and philosophical aspects of Mello's work, in the sense of glimpsing the Amazonian universe, its cultures and social problems. For this, it dialogues with authors such as Gaston Bachelard, Theodor W. Adorno, Ana Pizarro and João de Jesus Paes Loureiro. Thus, reflections are developed on poetry that anchors in a landscape that mirrors the largest vegetation and the largest river in the world— the Amazon and the Amazon, respectively— threatened, really, by capitalist incursions. This work, therefore, symbolizes a simple contribution in the discussions about cultures that still experience intense relation with the nature and a literature that insists in expressing the experiences of the populations that were weaving the vast Amazonian universe singularly.

Keywords: Amazon River; Thiago de Mello; Amazonian poetry.

<sup>1</sup> Originalmente parte deste trabalho foi apresentada no II Congresso Internacional de Literatura Latino Americana, realizado pelo Instituto Raúl Porras Barrenechea, na cidade de Lima (Peru), no dia 4 de agosto de 2017, ora com acréscimos e adaptações para a presente publicação, na área de conhecimento “Jornalismo e Literatura”.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pelo Instituto de Ensino Superior do Acre (IESACRE), discente de Letras/Português e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC).

<sup>3</sup> Licenciada em História e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC).

[...] Como um rio que nasce  
de outros, saber seguir  
junto com outros sendo  
e noutros se prologando  
e construir encontro  
com as águas grandes  
do oceano sem fim [...]  
(Thiago de Mello)

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerado o maior da Terra, o Rio Amazonas figura como essencial para a vida na Amazônia. A sua linha sinuosa de mais de seis mil quilômetros se inicia nos Andes peruanos e se estira por toda a floresta amazônica, compondo um grande emaranhado que engloba mais de mil tributários, até desembocar no Atlântico, entre os estados do Amapá e Pará.

Às suas margens se erigiram povoados, aldeias, cidades e um conjunto de imaginários relativos às suas águas negras, barrentas e transparentes. De seu leito abundante, índios, ribeirinhos e caboclos extraem o alimento diário, ao passo que as cidades sorvem seu líquido e distribuem-no de forma sistemática para acudir as necessidades básicas dos moradores.

“Tudo depende da água”, canta o poeta amazonense Thiago de Mello na obra *Amazonas— Pátria da Água*, lançada nos anos 80, reverenciando o coração da Bacia da Amazônia: o Rio Amazonas, cujo caudal submete a vida humana e não humana ao seu regime hidrológico. Nascido em Barreirinha (AM), Mello tornou-se referência na poesia brasileira e seus livros já foram traduzidos para vários idiomas. Perseguido na ditadura militar, exilou-se no Chile, onde mantivera amizade e parcerias de trabalho com seu homólogo Pablo Neruda.

O livro *Amazonas— Pátria da Água* representa um grito poético contra a destruição da natureza e um tocante louvor às míticas águas amazônicas. A obra é composta de duas partes: a primeira reúne 42 capítulos de poemas e prosa poética e a segunda contém a crônica “Notícias da visita que fiz no verão de 1953 no Rio Amazonas e seus barrancos”.

Neste ensaio, dedicamo-nos a analisar os aspectos estético-filosóficos presentes na tessitura da obra de Mello em tela, bem como buscamos urdir uma teia de reflexões

acerca do seu fazer poético que se apercebe desse espaço governado pelo aquoso, munido de um veio político que aponta a devastação da floresta, as injustiças sociais e considera a cultura amazônica e suas formas peculiares de compreender o mundo. Para tanto, dialogamos com as contribuições de Bachelard (1998), Adorno (2008), Pizarro (2012) e Paes Loureiro (2015).

## O GRITO DA ESPERANÇA

A chegada da letra, da cruz e do arcabuz à Amazônia representa uma experiência que deixara marcas profundas. Invasores, militares, sacerdotes, aventureiros, mercadores, cientistas, copistas, artistas, de diferentes rincões do mundo, infiltraram-se no Rio Amazonas e o nomearam ao seu alvedrio, sem consideração alguma com a vênica que os povos nativos dispensavam a ele e com os hidrônimos pelos quais já o conheciam.

Mello, o “caboclo suburucu”, reporta-se a uma sucessão de nomes:

Foram muitos os seus nomes: Mar Dulce,  
o rio de Orellana,  
Marañon,  
o Guieni dos índios aruaques  
o Paranatinga  
o Parauaçu dos tupis  
San Francisco de Quito  
El rio de las Amazonas  
O Grande rio das Amazonas (MELLO, 2005, p. 19).

Diante de tal passagem, vale ilustrar que as escrituras primeiras da História dizem que, do estrondo das águas doces do Amazonas indo ao encontro redentor com o Atlântico salgado, o pioneiro Pinzón arrastou a ideia para atribuir um nome cristão ao curso que acabara de descobrir: o Santa María del Mar Dulce, certamente doce para sua empresa, mas amargo para aqueles índios que viajavam aprisionados em suas embarcações.

Da jornada de Orellana na caçada infatigável pelo ouro e especiarias, Carvajal e sua pena inventora recriaram os mitos clássicos nestes chãos amazônicos. Seu capitão julgou ser o dono de todo o “rio-mar” e domador de silvícolas, porém no retorno fora obrigado a envergar-se à força misteriosa da floresta, que lhe vingara a profanação arrancando a vida.

La Condamine, em sua apresentação na Academia de Ciências de Paris, quis comunicar ao mundo científico as plantas da Amazônia capazes de operar milagres após passar os olhos europeus pelo curso de água também conhecido por Maranhão. Deveras milagres prodigiosos, como o de alavancar a economia de nações, em especial a árvore que jorrava leite, responsável por alimentar mais tarde as indústrias automobilísticas.

De lá para cá as quilhas dos colonizadores não desistiram mais de singrar as águas indomáveis do Rio Amazonas. Homens encegurrados por riquezas, glória, almas. Cronistas que ajudaram a criar imagens fantasmagóricas. Cientistas com olhos grandes e enviesados. Vozes foram emudecidas. Vidas dessacralizadas. Epidemias difundiram-se. A floresta devassada. Uma língua única inculcada. Pobres trabalhadores ludibriados e explorados. Corpos trajados. A cruz altaneira a espreitar todos nos barrancos.

Os índios que habitavam a região, achacados de selvagens, desconheciam a lei de selvageria do comércio praticado pelos colonizadores. Comiam e partilhavam tudo quanto a natureza lhes oferecia. Já os europeus—alvos, letrados e crentes—visavam, senão, expandir suas possessões territoriais, subjugar povos, criar novos mercados, sugar riquezas, abarrotar arcas e cofres. Rememorando esses brutais eventos, Mello deita sua pena com acerba crítica:

Depois os outros chegaram. Os chamados brancos, com a cruz e o arcabuz. Os sangues que iam ajudar a compor uma nova etnia, ao longo de cinco séculos de aventura humana. Aventura que se prolonga, ainda hoje, marcada pelo signo do desamor. Só que cada dia mais feroz. Extração, saque, destruição, extermínio. Do mais verde pedaço do mundo, sustentado pelos meridianos do mistério e do milagre. Como desde o dia em que essas águas foram navegadas pelas quilhas das primeiras caravelas, os de fora continuam a chegar, cada vez mais poderosos de ciência e cobiça. Já chegam sabendo onde é que estão as mais preciosas riquezas da floresta, até mesmo as que dormem debaixo do seu chão (MELLO, 2005, p. 17).

Voltando-nos aos dias atuais, constatamos que Amazônia segue vilipendiada, tal como pinta Mello em prosa poética: “Poderosas exportadoras de madeira não descansam e não são vigiadas no seu empenho destruidor” (MELLO, 2005, p. 41). Com o argumento de incentivar o desenvolvimento, trazer o progresso e promover a integração nacional, precisamos grifar que novos empreendimentos investem sobremodo no agronegócio, nas grandes hidrelétricas, na exploração de petróleo e gás, no mercado de carbono e na concessão das florestas públicas.

Por outro lado, a cosmovisão dos povos indígenas assinala uma distância abismal da lógica mercantilista da civilização ocidental. Na ótica deles, há uma

imbricação íntima entre mundo natural, espiritual e cultural. A floresta, o rio, o ar, a terra e o sol são sagrados, e requerem a devida deferência. O esclarecimento da racionalidade moderna, por sua vez, na pressa em destruir os mitos e a “superstição”, substituir a imaginação, transformar homens em senhores e a natureza em objetividade, tem o propósito tão-somente, segundo Adorno e Horkheimer (1985), de dominar a natureza e os homens por intermédio da técnica.

Em sentido oposto à minoridade do gênero humano, homem reificado, regressão das massas, satisfação ilusória proporcionada pela indústria cultural, uniformização da percepção e da linguagem, consumo desenfreado, instrumentalização da cultura, a filosofia de Adorno (2008) chama-nos para uma experiência estética diferente. O autor alemão recupera de uma maneira dialética o mítico que fora suprimido pela racionalidade moderna.

Para ele, a obra de arte autêntica porta uma verdade, ela veicula o “mais” da beleza da natureza, algo que transcende, porém se mantém incompreensível ao sujeito e deverá somente ser contemplado por ele. Essa experiência estética foge da imposição racional, diz respeito, então, ao desejo de reconciliação com a natureza. O retorno à natureza, o regresso ao irracional, propiciado pela *mimesis*, existe apenas como reminiscência. Em Adorno, a obra de arte é uma forma de conhecimento e é utópica porque se torna a negação determinada da cultura administrada, a “antítese social da sociedade” (ADORNO, 2008, p. 21), a imitação de algo que não existe

Quanto a Mello, a poesia que diz a verdade tem a ver com o presente e com o futuro. É crítica com a insensatez humana do presente que destrói a natureza e o próprio homem, a exemplo das bombas nucleares. Revela-se, no entanto, esperançosa no futuro porque, nas palavras do poeta: “Mantenho minha esperança e a fé na inteligência humana, apesar de todas as ferocidades que se cometem dia a dia contra a vida. Sigo acreditando ardentemente na utopia. A Pátria da Água, com seus verdes milagres, será salva” (MELLO, 2005, p. 93).

Retomando Adorno (2003), ora dissertando sobre literatura, o filósofo acredita em uma lírica que alude ao social, que extrapola as emoções individuais. Não prestigia a lírica absolutamente individual, avessa à sociedade, mas aquela que denuncia as injustiças, as desigualdades, a alienação, pois, para ele, “só entende aquilo que o poema diz quem escuta, em sua solidão, a voz da humanidade” (ADORNO, 2003, p. 67).

Também crítico da modernidade expansionista e racionalista que cindiu homem e natureza, Mello em sua *poiesis* denuncia a pilhagem perpetrada pela ganância que teima em golpear a Amazônia. O receio que o leva a escrever é expresso logo no início da obra: “Um temor grande se ergue das funduras das águas e percorre o verde ferido da Amazônia: a nossa floresta está, devagarinho, tomando o rumo do fim” (MELLO, 2005, p. 13). Sua lírica está a serviço da vida, a vida, aqui frisamos, tão aviltada pela lógica capitalista que tem pressa em esgotar os recursos naturais, visando à maximização do lucro e ao consumo desmesurado.

O grito lamurioso do poeta ganha eco apontando a queimada que prejudica a camada de ozônio, a derrubada que lança madeira nos navios estrangeiros, o risco de extinção do galo-da-serra, da ariranha, da onça, do jacaré, da tartaruga, do peixe-boi, além do empobrecimento do solo e a poluição das águas por óleos, lixo, fezes e mercúrio.

A miséria e a falta de assistência na Amazônia não passam despercebidas também na obra de Mello. São comoventes os relatos do sofrimento a que está submetido o povo pobre, vivendo em casebres às margens dos igarapés de Manaus, sustentados “por esteios, de permeio a barrancos que mal se apoiam sobre troncos, batidos pela água grossa e fedorenta” (MELLO, 2005, p. 31). Águas sujas, é oportuno lembrarmos, nas quais crianças e animais mergulham e, ao mesmo tempo, as privadas de madeiras despejam dejetos humanos.

## A LEI DAS ÁGUAS

O mundo das pessoas que vivem na Amazônia compreende a observação à lei das águas. No decorrer do tempo, a Bacia Amazônica produziu historicamente diferentes formas de vida humana, relações com a natureza e imaginários sociais, ao que reforça Pizarro:

A Amazônia possui o maior bosque tropical úmido do planeta e o Rio Amazonas, mais do que o Congo, Orinoco ou Mississipi, é o mais caudaloso da Terra. A experiência diária de sua riqueza como biodiversidade em flora, fauna e germosplasma nativo, tornou os povos amazônicos em coletividades que constroem sua vida e sua cultura em torno da vida do rio, sua bacia e suas vertentes, seus períodos de subida e descida das águas, desenvolvendo tecnologias adaptadas a seus ritmos; coletividades humanas cujo perfil, sociabilidade e cultura se constituíram na relação com a natureza (PIZARRO, 2012, p. 25).

Perscrutando a cosmogonia dos índios caxinauá o autor francês D'Ans (1975) registrou na década de 1970 que a cultura que ocupa a faixa compreendida entre o departamento de Madre de Dios, no Peru, e o estado do Acre, no Brasil, reputa as suas antigas terras nas cabeceiras e cursos superiores dos rios Juruá, Curanja, Envira e Tarauacá como o centro do mundo em virtude de ser a região em que nascem todos os rios conhecidos por eles.

Bachelard (1998), ao recuperar os quatro elementos naturais como fonte de inspiração poética, que, segundo o filósofo, reportam a um “sentimento humano primitivo”, a uma “realidade orgânica primordial” e a um “temperamento onírico fundamental”, pontifica que à água estão ligadas as imagens substanciais de um “elemento mais feminino e mais uniforme que o fogo, elemento mais constante que simboliza com as forças humanas mais escondidas, mais simples, mais simplificantes” (BACHELARD, 1998, p. 6).

O filósofo sugere que, para além da superfície, existe na água uma série de imagens profundas que conduzem a uma intimidade com a substância através das nossas contemplações. Logo, a água é um tipo particular de imaginação materializante, provoca uma contemplação que mergulha na profundidade do elemento material. Igualmente ela é um tipo de destino que metamorfoseia permanentemente a substância do ser, em consonância com o mobilismo de Heráclito, segundo o qual ninguém entra no mesmo rio mais de uma vez— o ser humano teria o mesmo destino do líquido, qual seja, é transitório.

Filho da “Pátria da Água” que a conhece intimamente e por ela rega um sentimento de afeto, Mello, confluindo com as divagações bachelardianas, lista as tantas almas da água:

A lei do rio não cessa nunca de impor-se sobre a vida dos homens. É o império da água. Água que corre no furor da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que oferta cantando, água que despenca em cachoeira, água que roda no rebojo, água que vai, ainda bem que começou a baixar, mas de repente volta em repique [..] (MELLO, 2005, p. 24).

Na poética do escritor amazonense, o aquoso corresponde a um elemento que o empurra aos devaneios, penetra nos meandros da sua imaginação, chacoalha as memórias da sua infância. Chama-nos a atenção o seu retorno emotivo ao Paraná da Eva, onde crescera, o pai trabalhara como secretário-almoxarife, a irmã Maria Rita

nascera. Com os olhos “mais turvos” e com a face “mais vivida e obscura”, ele pincela melancolicamente:

Deitado numa rede de tucum, armada no pequeno compartimento da popa, vou olhando a mataria pródiga de verdes. Verdes que vão me redevolvendo, através do devaneio, a face perdida da infância. Vou, por sobre as águas, águas que sabem o meu nome, ruminando verões antepassados. Verões e primaveras defuntas. Pássaro doido, vou-me dizendo, eis o que que somos. Pássaro condenado às estradas terrestres, nutrindo-se de penas e de cantos antigos (MELLO, 2005, p. 110).

Mello lembra-nos que a água faz parte do planejamento da vida do caboclo amazônico, estabelecendo até mesmo ciclos econômicos. Todos, segundo ele, precisam submeter-se ao arbítrio do rio. O caboclo, todavia, “não desanima: espera pela vazante e alteia o assoalho, e aproveita depois a terra enriquecida pela enchente. O rio diz ao homem o que ele deve fazer. E o homem segue a ordem do rio. Se não, sucumbe” (MELLO, 2005, p. 27). Os cursos fluviais, ao contrário da floresta, na concepção do poeta, determinam as regras para quem mora na Amazônia, impõe seu humor, enquanto a flora não pode falar, nem mover-se, tornando-se vulnerável aos ataques de quem não aprende a respeitar a vida.

As águas celebradas por ele, que entregam alimento aos ribeirinhos e índios, são as mesmas sugadoras de corpos humanos e destrutivas por onde passam quando acumulam volume. Associamos estas, pois, às águas da beleza e da morte, às águas maternais que dão vida ou então empurram a barca dos mortos, às águas traiçoeiras e do desespero em Bachelard (1998) ao citar as obras de Edgard Poe e William Shakespeare. São ainda as águas dos peixes gigantes que abocanham e lançam as pessoas para o fundo do rio, na tradição indígena.

Ao menos no livro do poeta amazonense o menino Pedro tivera a sorte em não ser engolido pelas correntezas quando viajava de canoa com o pai no Paraná do Urucará. Surpreendidos pela tempestade, o pai não viu quando o filho de sete anos caíra nas águas. Depois de tantas buscas frustradas, os moradores lembraram-se de colocar uma cuia grande com uma vela acesa para deslizar no rio. Onde ela parasse, como reza o costume dos caboclos, significaria que o cadáver estava ali. Mas ela não estagnara, e seguira. Felizmente a criança, segurando-se nas touceiras de capim, fora achada viva por um pescador.

## POÉTICA AMAZÔNICA

Voltado para a “esteticidade dominante” da Amazônia como fortalecedora dos entrelaçamentos comunitários, o escritor paraense Paes Loureiro (2015) sustenta que a cultura amazônica é aquela cuja influência ou origem verte da cultura cabocla, esta resultante da miscigenação entre índios e brancos, com predominância do primeiro grupo, sem esquecer a contribuição negra. Refere-se, destarte, a uma cultura produzida em uma região isolada que fundou um sistema de vida e trabalho em profunda relação com a natureza, sob moldes próprios de compreender o mundo, totalmente dissonante das sociedades modernas.

Essa cultura viva e formadora de identidade abraça pescadores, caçadores, mateiros, lavradores, remadores, extratores, seringueiros, artesãos, umbilicalmente ligados ao meio em que vivem através da dedicação a atividades que garantem a sobrevivência. Das comunidades ribeirinhas a cultura cabocla se esparrama pelas cidades e se manifesta nas camadas populares, o que não significa que goze de prestígio, já que é obrigada a esbarrar contra a arrogância e o preconceito das autoridades públicas, que relutam em reconhecê-la.

É dentro do coração da selva que os filhos da água se refugiam e mantêm seus hábitos em contraste com as cidades rumorosas e perturbadoras. Cultivam uma relação solidária entre si, mesmo com os dissabores a que são submetidos e o distanciamento. Ainda têm capacidade, na visão de Mello, de amar, um sentimento que parece escasso em face da sofreguidão do possuir capitalista: “são amigos do sol, entendem os recados dos pássaros, conhecem os segredos do vento, conversam com as estrelas da noite” (MELLO, 2005, p. 79).

Olhando para o mesmo horizonte de Paes Loureiro, Pizarro (2012) em sua pesquisa sobre os discursos orais e escritos surgidos no/sobre o espaço amazônico, pondera que a Amazônia— ou as Amazônias—, sendo uma “nação” de águas e selva que atravessa oito países, alimenta uma infinita diversidade de formas de vida humana que mantêm uma relação comum e intensa com a natureza. Não obstante essa diversidade, esses espaços apresentam traços semelhantes na produção do imaginário social, compartilham experiências no desvendamento dos segredos do universo e articulam modos de interagir com a realidade.

Concordamos com Paes Loureiro (2015) ao conceber o devaneio contemplativo e admiração perante a natureza, possibilitados pelos sentidos, enquanto ensejos em que os caboclos se afirmam no mundo, estabelecendo um vínculo afetivo com a paisagem e conhecendo-se melhor. É a partir dessa vivência que vão desenvolvendo e ativando a sua sensibilidade estética, o que resulta na transfiguração da floresta e dos rios. Por isso, de acordo com o autor paraense, para compreender a cultura amazônica é preciso levar em conta seu imaginário social, inundado de poeticidade que vem da alma, fecundado por alegorias e também instituidor de verdades coletivas, terreno em que a oralidade ocupa papel central na narrativa dos mitos que povoam os cursos fluviais e os bosques de seres sobrenaturais.

Portanto, falando de cultura amazônica, não podemos deixar de mencionar as encantarias: um lugar imaginário habitado por entidades que são encarregadas de proteger os caboclos e o seu meio natural. Os encantados têm endereço: repousam na floresta e no fundo do rio. Na Amazônia, é possível, sim, que humanos e deuses passem de mãos dadas nos bosques e remem juntos nas águas doces. Daí que Mello, submerso no mundo mágico dos caboclos amazônicos, evoca a lenda do boto, difundida por toda a região.

O imaginário está encharcado de exemplos de moças que foram enfeitiçadas e engravidadas pelo animal. Geralmente ele se transforma em um belo homem que tem o condão de seduzir as meninas quando se dirigem ao banho. Nas palavras do escritor: “o caboclo geralmente não come carne de boto. Boto é animal de lenda. Com o boto não se brinca, e o homem tem por ele um respeito misturado com temor” (MELLO, 2005, p. 70).

Para o poeta, a selva dispõe de técnicas de resistência aos ataques humanos: com o calor úmido e abafado, cipós emaranhados, trançados de espinhos, bichos que penetram a carne, folhas que causam queimaduras, capins que cortam a pele, as feras, insetos transmissores de doenças, formigas de fogo, cobras gigantes. Entretanto, defende-se também com os poderes de encantamento dos seus habitantes lendários: a matintaperera, o curupira, o mapinguari, jurupari, a boiuna. Mello aponta que as cobras, conforme a sabedoria cabocla, podem hipnotizar as pessoas com o olhar, tal qual sucedera com o índio Çaterê, que, enfeitiçado, passara a andar em círculos em busca da mirada de uma jiboia gigante.

Eminentemente comprometido com a vida, o escritor de Barreirinha solidariza-se com os povos nativos da Amazônia. Da mesma maneira que ele, sustentamos que estes devem usufruir do direito de existir, o direito de ser, o direito à posse da terra, reconhecimento fundamental para preservação de suas tradições e para a garantia do sustento básico. É legítimo ainda lembrar que Mello foi um dos que assinaram a Declaração de Indiana, em 1986, no I Encontro Internacional de Poetas na Amazônia do Peru, proclamando a defesa da floresta e de seus habitantes primevos— os índios. “Dos brancos que bem poderiam aprender, com os índios, a conjugar o verbo amar”, provoca Mello (2005, p. 74).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia espera de nós uma atitude respeitosa. Eis a principal mensagem do poeta Thiago de Mello aos seus leitores. Sua obra torna evidente a crença na humanidade, nas pessoas simples, nas almas de coração generoso. Ele, um escritor engajado, ainda conserva reluzente a centelha da esperança dentro de si, o farol da utopia aceso, deixando transbordar seus sentimentos na poesia para chamar atenção contra a destruição, a miséria e a ganância.

Em *Amazonas— Pátria da Água*, o grito poético em defesa da floresta e de seus habitantes de vida simples é entremeado de memórias referentes aos espaços por onde passara o autor, e marcado também pela fotografia de paisagens destoantes: a miséria e a subnutrição muitos moradores da Amazônia. Lutando contra a marginalização da região, Mello ocupa-se da arte e da magia das palavras para pintar a vasta vegetação que encerra o mais precioso patrimônio genético e ainda o rio mais caudaloso que conhecemos— o Amazonas.

A expressão poética do autor constitui uma forte crítica à desumanização e pleiteia uma reconciliação com a natureza. Rema contra a correnteza da racionalidade moderna que desconsidera a vida com o intuito de dominar natureza e os próprios homens. Motivada pelo mundo verde e líquido, devotando fé na inteligência humana, a sua *poiesis* não deixa de ser utópica, porquanto se torna a “antítese social da sociedade”.

Em Mello, fartas por todas as partes da Amazônia, as águas são louvadas, temidas e reconhecidas. Elas não só produzem ciclos econômicos, a exemplo do Rio

Amazonas, curso que regula a vida dos caboclos e faz tudo depender de seu regime hidrológico, como também açodam a imaginação, abrigam seres encantados e carregam mistérios.

Da mesma forma, toda essa paisagem natural é a inspiração que o move a escrever, de um lado o fascínio numinoso e de outro o temor em vê-la desaparecer. Porém Mello nos alerta que, devastando a natureza, o homem colabora para o próprio fim, uma vez que está fadado a perder caso queira competir com a floresta. Defensor da cultura amazônica, o poeta indica que os caboclos, em seu modo de viver singelo, isolado e de intensa relação com o meio natural, foram ao longo do tempo construindo uma teogonia própria.

Mello, o filho da “Pátria da Água”, irrompe tal como um poeta profetizador dos nossos tempos ao mostrar-se preocupado com as incursões desenvolvimentistas na Amazônia, inclusive com a concepção de “pulmão do mundo” daqueles que desejam internacionalizá-la. Transmuta-se, outrossim, em um verdadeiro uirapuru, cujo melodioso canto, dizem, chega a arrebatrar ouvidos humanos e amansar até feras quando ecoa por entre a selva ao amanhecer.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. 1ª edição. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2008.

BACHELARD, Gaston. **Água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio Pádua de Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

D’ANS, A. M. **La verdadera Bíblia de los cashinahua**. Lima: Mosca Azul Editores, 1975.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 5ª edição. Manaus: Valer Editora, 2015.

MELLO, Thiago. **Amazonas**: Pátria da Água. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

A decorative header featuring a collage of newspaper clippings in various languages, including German and Portuguese. The word 'TROPÓS' is prominently displayed in a large, bold, serif font across the top of the collage.

# TROPÓS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.